

## As sutilezas da sociologia e a sociologia das sutilezas

Entrevista com Gabriel Cohn\*

Por Lilian Alves Sampaio\*\*

**I** Gabriel Cohn ingressou na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo no início dos conturbados anos 60. Passou pelo CESIT (Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho), sob orientação de Florestan Fernandes; foi pioneiro no Brasil no estudo dos meios de comunicação de massa e tornou-se uma das grandes referências no estudo do pensamento de Max Weber. Hoje é professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e chefe do Departamento de Ciência Política.

Seu itinerário de aluno, professor e intelectual, marcado pelas profundas transformações da universidade, permitiu explorar nesta entrevista o recente passado da instituição e refletir sobre o atual modelo de ensino, pesquisa e financiamento, que engendra novos tipos de formação e, até mesmo, "novos modos de pensar" sociologicamente a realidade.

Indagado a respeito de questões sobre a vocação e a experiência do sociólogo, chama atenção para as sutilezas que permeiam a Sociologia - a qual dialoga tanto com a literatura quanto com a ciência - "visto que a capacidade de captar relações sutis na trama fina das configurações sociais é condição para a reconstrução das grandes estruturas da vida social". Colocar a questão nesses termos é significativo para este intelectual, cujo traço característico é a sutileza, não apenas na maneira de se expressar, mas principalmente na forma de pensar as questões da vida.

---

\*Entrevista concedida em 23/10/2003.

\*\* Lilian Alves Sampaio é mestra em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

**Plural - Rainer Maria Rilke dizia que, para ele, escrever não era uma escolha, era antes de tudo uma necessidade. Para você a sociologia foi uma escolha?**

Foi. Talvez mais do que na época eu imaginasse, porque, em termos da pequena biografia pessoal, eu não me dava conta na época. Embora eu acredite que se tivesse escolhido Filosofia estaria inteiramente à vontade, há um lado que eu não podia prever que se revelou forte e, retrospectivamente, pode ser chamado de uma escolha adequada. Eu te conto por quê. Há uma questão que me persegue literalmente desde a infância. É uma questão que exige reflexão, pesquisa e tudo o mais que a sociologia possa oferecer. E ela se refere a uma experiência infantil. Eu estava na escola primária, no caso uma escola rural, onde havia três classes juntas e uma professora, que era uma verdadeira *virtuose*, a professora do ensino básico, que há meio século era uma criatura excepcional, com um treinamento muito bom e grande capacidade. Em uma certa ocasião ela decretou “ninguém vai ter recreio”. Mais tarde eu fui procurá-la e perguntei “professora, por que a gente não pode ir para o recreio?”, ela me respondeu, “porque alguém fez tal e tal coisa”. E eu, “mas por que todo mundo ficou sem recreio?” Então ela, com absoluta tranqüilidade, muita doçura e muita convicção, disse: “meu filho, os inocentes pagam pelos pecadores”. Isso ficou marcado pelo resto de minha vida. Eu estou até hoje me perguntando como é possível essa resposta. Essa é a minha grande questão sociológica. De que maneira você pode com absoluta

tranqüilidade, com uma doçura plena, sem qualquer ímpeto repressivo ou vingativo consciente, usar essa frase? Que tipo de mundo é esse em que uma frase como essa pode ser usada de maneira tão tranqüila? É uma coisa que, considerando o universo cultural familiar do qual eu vinha, era extremamente surpreendente. Você vai dizer, “por que surpreendente, se isso tem a ver com uma cultura cristã e você vem de uma família judia?” Embora exista a famosa “culpa judaica”, a questão da punição não se apresenta da mesma forma. O tema que me atormenta há muitas décadas é como é possível persistir no interior de uma sociedade inteira esse traço punitivo generalizado – que se esconde sob a aparência perversa da impunidade geral –, que no meu entender é um traço da nossa cultura cívica, ou da nossa cultura política no sentido amplo de representações simbólicas da relação do indivíduo com a dimensão pública. Vivemos em uma sociedade em que a questão da punição está presente de ponta a ponta, permeia todas as relações, e as maneiras de se escapar da real ou imaginária punição são matéria de investimento de energia constante. Muitas das propaladas virtudes brasileiras – uma certa agilidade, o famoso jeitinho, uma certa maíandragem – têm a ver com o contínuo investimento na idéia de escapar da punição, que pode vir em qualquer momento sem nenhuma razão, senão essa de que alguém, não identificado e não responsável, cometeu uma infração. Se você olhar nosso cotidiano isso está presente em todos os cantos, tudo aqui é montado no sentido de que todos serão punidos

em nome de alguém que transgrediu determinado regulamento – muitas vezes montado para suscitar a transgressão.

Então, provavelmente, havia algo que correspondia a uma escolha, no sentido de buscar satisfazer a minha inquietação íntima, muito profunda, e que acabou, se não alimentando conscientemente uma opção, de certo modo dando um sentido a essa escolha ao longo de minha atividade como sociólogo. Continuo convencido de que uma posição nuclear no nosso modo de enfrentar a experiência social, no nosso modo de trabalhar com a expressão simbólica de nossa cultura, é ocupada por essa constelação de significados que gira em torno da punição. É por isso mesmo que, se pegarmos esse outro ângulo do que você falava de escolha, eu gostaria dentro dos próximos anos de me dedicar um pouco mais intensamente a um tema que é central nas Ciências Sociais, mas que nem sempre a gente verbaliza, que é repensar uma teoria da experiência social. No fundo é isso o que a gente faz o tempo todo, mas eu queria tornar isso explícito e objeto efetivo de uma leitura, de uma reflexão, de uma busca. O que realmente, nas condições atuais de nossa sociedade, se pode pensar como as formas de experiência social. Eu sei que meus colegas fazem isso, mas eu gostaria de recolocar no centro de minha atenção a questão da experiência. Como se articula o modo pelo qual você se relaciona com o mundo? Pegando pelo âmbito social, não pelo âmbito estritamente psicológico, não de estruturação de sua psique, mas pelo ângulo do modo como você exprime simbolicamente e converte em ações efetivas

suas relações com o conjunto de seus parceiros de interação, efetivos ou virtuais. No fundo disso tudo está a questão da civilização, de modos civilizados de convivência. E gostaria de fazer isso sem desconsiderar a especificidade de uma sociedade como a nossa.

### **Você se refere à sociedade brasileira?**

Isso, à especificidade da sociedade brasileira. Pensar a respeito da organização, da estruturação de uma experiência social, de um modo de se colocar no mundo, aqui no Brasil. E claro, rebatendo para o que há de universal nessas coisas. Se você não precisasse se conter por estar me entrevistando, iria cair na risada, dizendo "mas isso é o programa completo das Ciências Sociais. Isso daí é sociologia, antropologia...". É. Porque a experiência está no centro, mas por estar no centro raramente é tematizada de maneira explícita. É um belo tema, eu diria. Obrigaria a retomar essas coisas pelas quais a gente passa ao longo dos anos na nossa formação, mas tentando dar um foco mais específico. Então, aquela microexperiência de décadas atrás, nos fundões de uma escola rural, continua viva e de certo modo gerando sentido. Sentido subjetivo, não o "grande" sentido, mas o sentido subjetivo que unifica uma trajetória - afinal, Wright Mills não dizia que para a sociologia interessa a interseção da biografia com a história? Por isso talvez tenha sido bom vir para as Ciências Sociais.

**Essa foi uma questão que surgiu para você na infância e ficou "incubada", você mesmo disse que no momento da escolha isso não era explícito. E as motivações mais**

## **conscientes que te levaram para a Sociologia?**

Aí, foram mais aqueles outros mecanismos, o amigo que te fala a respeito... Eu posso até lembrar de uma pessoa que teve um papel importante nisso, que, aliás, depois ficou famoso, Michel Lowy. Um brasileiro que depois foi para a Europa e se tornou uma figura respeitada na vertente marxista da história das idéias, na sociologia do conhecimento... Na época eu estava às voltas com essa coisa de "o que vou fazer?", e ele deu muita força. Na época também, entrada nos anos 60, você tinha estímulos muito fortes que provinham da efervescência política. As grandes questões da sociedade impregnavam todas as preocupações e estavam fortemente presentes para os jovens que se perguntavam "o que vou fazer na vida?". Você tinha, da segunda metade dos anos 50 para frente, questões sobre o que fazer com essas sociedades na América Latina, o que fazer no Brasil. Eram questões muito fortes, e de algum modo se colocava a questão da militância. Não havia como não entrar em algum tipo de organização, grupo ou partido. Então, a dimensão social e política era muito forte, solicitando atenção e colocando problemas. Claro que se você tinha um talento muito especial em alguma outra área, como nas exatas ou nas artes, tudo bem, você ia para lá. Caso contrário, se você era um cara com inquietações difusas, esse tipo de estímulo era muito forte. O convite naquela época era para entender esse troço que está aí e intervir. Havia umnexo que agora foi quebrado, mas que na época era considerado natural. "Eu quero conhecer a sociedade para poder intervir". O nexo era entre conhecer e

participar na intervenção e que se fechava na época não só pela atividade acadêmica, mas por diversas formas de militância. Isso diferenciava aquele período do atual. Acredito que nenhum estudante hoje pensa em fazer Ciências Sociais porque seja uma forma específica de participação na transformação dessa sociedade. Esses grandes propósitos foram muito reduzidos de lá para cá. Agora você tem que ter propósitos mais pontuais, o que não significa que se fique passivo. Na época, a gente era inteiramente seguro quanto à transformação da sociedade, não tinha nenhuma dúvida de que o socialismo seria construído. Como e de que tipo (não necessariamente o modelo soviético) era matéria para muito debate. Nessas condições, ir para o curso de Ciências Sociais fazia sentido.

**Você me conta sobre duas motivações que o levaram para a Sociologia que remetem à questão sobre uma certa ambigüidade que essa disciplina carrega. Qual a vocação da Sociologia: simplesmente responder a uma inquietação teórica ou fornecer a base para uma intervenção política? Como se resolveu essa ambigüidade durante a sua formação de sociólogo?**

Eu não sei, porque, no fundo, essas duas coisas que nós estamos comentando agora são retrospectivas, na época nenhuma delas era suficiente. A tal coisa infantil, eu só me dei conta depois de anos, "puxa vida! No fundo eu estou remoendo esta questão que pesou como uma experiência suficientemente forte para ficar na memória". Milhões de coisas sumiram, essa ficou gravada. A outra também é um pouco

retrospectiva. Você vai procurar o sentido mais lá na frente. Na época, eram inquietações difusas suscitadas por vivências, por leituras. No meu caso posso citar um exemplo, de novo parece um pouco estranho. Antes de vir para as Ciências Sociais eu li *Totem e Tabu*, de Freud, e fiquei fascinado com aquele negócio, uma espécie de antropologia muito doida. No começo não só eu como muitos outros tivemos um fascínio muito grande pela antropologia – desmentindo um pouco aquela história de só fazer Ciências Sociais para transformar o mundo. Foi uma matéria que marcou muita gente. Depois começaram a pesar outras considerações, incentivadas pelo currículo muito rico do curso. Além da psicologia social, por exemplo, que sumiu em consequência de um movimento dos estudantes – envergonho-me de dizer que tive participação nisso – tínhamos dois anos de filosofia, um de introdução e um de ética, na qual, aliás, Michel Debrun, um professor francês com simpatia pelo ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), trazia a grande reflexão filosófica para discutir os temas que nos moviam. E, na minha trajetória, o livro de Freud, lido não sei por quê, ajudou a puxar para esse lado de tentar entender o modo como esse mundo social funciona, e até mesmo como se forma a psique humana. É uma mistura muito grande, e é só agora que tudo isso pode ganhar sentido – o sentido pleno de uma biografia, ou de uma fase histórica, só se completa junto com ela, dizia Dilthey, retomando de modo um tanto macabro um tema de Hegel. De qualquer forma, eu não subestimaria o papel que essas espécies de

correntes subterrâneas desempenham na experiência da gente, na articulação das ações, na composição da nossa biografia. Não é um simples artifício, “ah, só agora eu estou dizendo que aquelas remotas experiências alimentaram uma inquietação”. Se não tiver uma inquietação, você pára no meio do caminho, e as fontes das inquietações não são explícitas. Minhas inquietações persistiram mesmo depois que se tornou patente que não era para daqui a pouco o socialismo. E diga-se de passagem que minha militância não foi nada significativa, nunca tive nenhum papel importante em coisa alguma, nem muito prolongada, ela se encerrou no final de 63, coincidindo mais ou menos com o final da graduação. Aí eu desisti, não era o meu forte, eu estava fazendo uma militância vagabunda. Mas acabou tendo efeitos, como, por exemplo, o primeiro texto de alguma envergadura que fiz na área – antes só havia uma resenha no “Estadão” de um livro do Erich Fromm sobre a “concepção marxista do homem” – publicado num livro que depois sumiu, foi recolhido pela polícia na época da ditadura. Um livro organizado pelo Otávio Ianni, um belo livro, não pela minha parte, mas pelo pessoal que reunia, também o Paul Singer e o Weffort. O Otávio me chamou para participar, ele sabia das minhas tentativas de militância, achou que eu queria refletir sobre isso. Então, pediu um artigo sobre as perspectivas da esquerda. Veja você! Foi a primeira coisa de mais fôlego que eu fiz, no meio de um grupo seletivo. A militância, do ponto de vista político, eu garanto que não ajudou nada a causa socialista, mas você vê como isso acaba sendo metabolizado reflexivamente. Visto agora, foi um momento

especial, devo isso como tantas outras coisas ao mestre Ianni. Pois aí se juntaram as duas vertentes que depois se separariam. O artigo seria impossível sem a forte presença da organização política da qual me aproximara, a POLOP [Organização Revolucionária Marxista – Política Operária / ORM-POLOP], que reuniu figuras importantes na esquerda brasileira e latino-americana, como os irmãos Sader – Eder e Emir –, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Ruy Mauro Marini, o próprio Michel Lowy na fase inicial – antes, havia um pequeno grupo inspirado pelo jornalista militante Ermínio Sacchetta, a Liga Socialista Independente, para o qual o Michel primeiro me chamou, e que me forneceu a referência nunca esquecida de Rosa Luxemburgo. Enfim, virou um artigo que foi escrito alguns meses antes do golpe. Daí ficou parado, e só saiu em 65. Na época acabou entrando no debate, não foi uma coisa à toa.

### **Como é o nome do livro?**

*Política e revolução social no Brasil.*<sup>1</sup>

O livro todo era dedicado a artigos sobre o momento político, no caso, antes de 64. Até hoje é um livro muito interessante. Ele acabou sendo recolhido pela polícia por razões políticas, não era só por causa do conteúdo, mas porque eles estavam querendo estrangular a editora, *Civilização Brasileira*. Então juntou a fome com a vontade de comer. Essa editora tinha um papel muito importante na época, foi um marco daqueles anos por ser uma editora militantemente de esquerda, que editava a *Revista Civilização Brasileira*, editou uma coleção que teve uma importância enorme, os *Cadernos do Povo*. Então, havia razão de sobra

para quererem liquidar com ela e uma maneira de fazer isso era tirar os livros de circulação. Tiraram um monte e esse, é claro, entrou no bolo, ainda mais com esse título. O livro sumiu, mas até hoje vale a pena ler. É uma colocação interessante de como as coisas estavam naquele momento, com Weffort publicando a primeira versão do tema que viria a projetá-lo no debate da época, sobre o populismo, e Paul Singer escrevendo sobre “a política das classes dominantes”, eu sobre “perspectivas da esquerda” (que título, hein? – pouco antes de 64) e Ianni, como organizador, fazendo uma vigorosa introdução sobre “processo político e desenvolvimento econômico”, que era o tema ao qual ele se dedicaria nos anos seguintes, com contribuições pioneiras.

O que veio depois foi uma trajetória acidentada, que você conhece de outras conversas e de outras entrevistas com gente da época. Realmente não dá para subestimar o quanto foi traumático aqui dentro desta escola o episódio das aposentadorias, em 1969. A retirada dos grandes mestres se abateu sobre grupos em formação e capturou lideranças fundamentais. Era um momento de transição da universidade, mais especificamente desta escola, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na época. Basicamente, era a passagem de uma universidade não exatamente elitista, mas que, em grande medida, até os anos 50, recrutava seus professores, e os estudantes também, daqueles setores bem postos na sociedade, para uma universidade de massa. Eu e toda uma geração nos beneficiamos do resultado de mudanças importantes introduzidas por professores vindo de grupos

mais pobres e com frequência imigrantes, a começar por Florestan Fernandes. Havia duas cátedras de sociologia na época, uma que era dirigida pelo professor Rui Coelho, e que tinha pessoas como a Maria Isaura, como o Aziz Simão, o Duglas Teixeira Monteiro, e a outra, ocupada pelo grupo do Florestan, formado pelo Fernando Henrique, Octávio Ianni, Maria Alice Foracchi, Luís Pereira... Octávio Ianni, que é minha referência da época como professor, era um especialista em detectar aquele sujeitinho com ar meio *gauche* e estimular. Ele contribuiu muito para a presença nesta escola de figuras com sobrenomes pouco nobres como Gnaccarini, Hirano ou Cohn, sem falar nos filhos plebeus da terra, o que mostra uma espécie de transição na própria composição da escola. Nós fomos poupados daquilo que foi muito penoso para alguns de nossos mestres. Para estes, certamente, foi penoso começarem suas carreiras em uma escola em que não se sentiam em casa, não estavam à vontade. Em que havia pessoas mais polidas pelo trânsito em outras áreas da sociedade, que faziam parte de famílias já estabelecidas ou importantes, que tinham mais raízes, que estavam mais à vontade nesse mundo. Esse pessoal abriu o caminho para nós. O ambiente de alguma maneira tinha sido desbravado. O que foi difícil para minha geração, isso você sabe de tantos outros depoimentos, foi o corte brutal, as aposentadorias. E como você também sabe, não foi uma ação externa sobre a universidade, elas foram montadas aqui, tramadas aqui dentro da universidade. Quem escolheu os nomes, quem preparou isso foram os setores mais à direita da USP. Causa náuseas lembrar que esse

pessoal aproveitou a oportunidade para livrar-se de colegas incômodos com alegações como a de que eles “doutrinavam” estudantes e impunham uma ortodoxia marxista intolerante, quando posso testemunhar, como tantos outros, seu cuidado e a integridade no cultivo de uma visão aberta e de *scholarship* exigente no seu trabalho e na formação dos seus estudantes. Mais um exemplo da minha experiência pessoal, mas certamente não isolado: Florestan Fernandes, que não tinha especial simpatia por Max Weber – embora, evidentemente, o respeitasse e incorporasse nas suas obras –, detectou um tom weberiano na minha dissertação de mestrado e, junto com outros, estimulou-me a dedicar-me mais a esse clássico, até porque eu dispunha de condições privilegiadas para isso, ao ler alemão, sem falar da inclinação para a reflexão teórica – e da afinidade interna com o interesse de Weber pela dimensão ética da conduta da vida. Outros levavam a extremos o cuidado para não impor orientações ou preferências a outros, em especial a estudantes. Um deles se recusava a citar em aulas de graduação trabalhos próprios, alegando que a assimetria da situação converteria a mera referência em constrangimento à leitura favorável.

### **E você aponta as aposentadorias como um momento de ruptura?**

Foi um terremoto. Primeiro porque deixou solto um grupo de jovens docentes, que ainda precisavam de interlocução com os mais experimentados. A saída de Florestan, de Ianni, de Fernando Henrique, a saída de Weffort como

uma jovem figura em ascensão, de Paula Beiguelman, deixou-nos desarvorados. Porque você não tinha muito como aglutinar isso rapidamente, especialmente no grupo que se articulava mais em torno do nome de Florestan. Não havia naquela ocasião quem se apresentasse como sucessor. Essas coisas não se tiram da cartola, alguém com um tipo de talento para aglutinar, para juntar esforços. Na época, não havia ninguém com esse talento, então a coisa ficou meio solta. Ao mesmo tempo, energias importantes se aglutinaram fora da universidade, a criação do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) é bem um exemplo disso. Um grande centro de reflexão e pesquisa fora do âmbito acadêmico, mas recrutado no âmbito acadêmico por força dessas expulsões, que, bem ou mal, se converteu não só em um importante foco de atenção intelectual e político como também numa espécie de concorrente do mundo acadêmico. Este, abalado pela perda de alguns de seus grandes integrantes, ficou também abalado no seu prestígio, na sua credibilidade. "No fundo, esse pessoal que ficou na USP é o quê?", essa era uma pergunta comum na época. "O que estão fazendo lá dentro?" Era um mundo de paradoxos, como o paradoxo de ter sido o regime militar o responsável pela instalação do marxismo dentro da universidade. Durante minha graduação, você discutia Marx, socialismo, comunismo, revolução em todos os cantos, não necessariamente na sala de aula, não necessariamente com seus professores - aliás, no prédio da Maria Antonia havia uma salinha onde se reunia o pessoal do CKM, o Centro Karl Marx; foi lá que ouvi a primeira exposição sistemática sobre Marx, por um jovem estudante de Filosofia, cujo nome só

aprendi a identificar muito depois, nada menos do que Ruy Fausto. Quando esses espaços externos se fecharam, tudo refluíu para dentro da universidade, e esta, apesar da repressão, virou uma espécie de área relativamente protegida, em que as questões tinham de ser colocadas. Houve, então, uma espécie de exacerbação de uma cultura da resistência. Aquilo que antes era natural pensar, como liberdade ou democracia, virou uma coisa crispada, defensiva, em condições de repressão e tudo o mais, e acabou fermentando. Não foram anos muito criativos aqueles. Houve muito marxismo, mas com frequência ruim, porque era defensivo, crispado.

**Antes dessa ruptura que você está apontando, havia um projeto de construir uma "sociologia brasileira" ou algo assim?**

Não, pelo menos não na USP. Cabe lembrar o debate que havia entre o pessoal da USP e o pessoal do Rio de Janeiro, especialmente o pessoal do ISEB. Eram mais os intelectuais do ISEB, como Guerreiro Ramos, que pensavam a possibilidade e conveniência de se fazer uma sociologia que respondesse especificamente às questões do Brasil, e que abrisse mão de alguns refinamentos metodológicos e teóricos em nome da urgência das questões que preocupavam aqui. O porta-voz da USP, no caso Florestan Fernandes, respondia que não. Para Florestan essas exigências universais da ciência tinham que ser prioritárias, o maior rigor do método da pesquisa tinha que ser buscado e levado adiante. A idéia por aqui era de se construir, nas nossas condições, uma ciência social que fosse de ponta, que pudesse rivalizar com o que se fazia aí fora. Eu não diria que se tratasse de um projeto, digamos assim, mimético,

"vamos imitar o que de bom se faz lá fora". Também nesse aspecto Florestan foi ótimo. Ele tinha uma visão petulante do que significava fazer sociologia. Petulante no sentido de dizer: "nós somos bons e nós vamos fazer tão bem como qualquer outro. Nós vamos assimilar todas as novas conquistas da ciência, todas as exigências do método, e não temos por que ficar refluindo para uma posição no final das contas secundária. Nós vamos estar no mesmo patamar que eles". Ele tinha uma visão muito competitiva, muito vigorosa e muito enérgica das coisas. Ele estava pensando em termos competitivos, não porque "eles são bons e nós vamos chegar lá", não, "nós somos bons e vamos mostrar para eles que sabemos fazer tão bem como eles, só que do nosso jeito". E o nosso jeito significava enfrentar questões que ele considerava prioritárias na nossa sociedade, claro que no centro estava sua preocupação com a construção de uma sociedade democrática, o modo sociológico de pensar a democracia. Eu ouvi várias vezes, mas especialmente uma vez em público, um antigo aluno dele dizer: "naquele tempo a gente cometeu um grave erro, a gente pensava muito pouco a questão da democracia". Mas quando ele falava isso, ele estava pensando a democracia em termos da construção das instituições políticas democráticas. O que, de fato, talvez tenha sido uma matéria não suficientemente tratada na época. Agora, a questão da democracia social, do que mais tarde se chamou inclusão, a questão de novas formas de convivência dos grandes grupos sociais, a questão de como articular democraticamente a sociedade de classes em formação... eram temas fundamentais para Florestan. Era em cima disso que ele queria que se fizesse uma ciência social

de ponta. Não copiando as questões externas, mas enfrentando nossos problemas. Eu tenho impressão que nesse debate ele tinha muitos pontos a favor, tinha uma visão que me parece, até hoje, muito lúcida: "Nós não vamos abrir mão de nenhuma exigência da ciência, nós vamos fundo, vamos fazer bem feito. No entanto, vamos fazer isso procurando responder às questões que essa sociedade nos coloca. E não vamos recuar diante de respostas incômodas, como a necessidade de realizar transformações estruturais."

### **Comparando com aquele momento, você acha que hoje em dia se faz "boa" sociologia no Brasil?**

Eu vou fazer um parêntese, retomar uma coisinha, para não ser injusto com meus mestres. Eu falo muito do Florestan, falo muito do grupo do Florestan, porque foi o meu ambiente, mas eu não gostaria de passar a mensagem de que aquilo que na época era um outro grupo, que institucionalmente fazia parte de uma outra cadeira e que estava em competição, não tivesse tido um papel muito importante no debate. Estou pensando nas contribuições de uma Maria Isaura, nas contribuições de um Rui Coelho, de um Duglas Teixeira Monteiro, sem falar no Aziz Simão, todos intelectuais notáveis. Então, eu não queria desqualificar essa outra corrente que acabou pensando um pouco diferente as questões do país. Uma figura notável que talvez fizesse uma ponte entre ambos os lados, porque era muito ligado a Florestan e também a Aziz Simão, era o José Albertino Rodrigues, um dos criadores do DIEESE (Departamento Intersindical de

Estatística e Estudos Socioeconômicos), esse órgão fundamental de assessoria sindical, no qual, aliás, a minha colega e tua mestra Heloísa Martins trabalhou de maneira muito interessante em uma época. Agora, quanto à produção atual, pelo que dá para eu sentir, eu fico muito impressionado por uma geração de pesquisadores que emergiu ao longo dos anos 90. Tenho impressão que há uma renovação extraordinária, há muita gente jovem interessante fazendo sociologia no país hoje. Em vários lugares, não só concentrado nos estados de São Paulo e Rio, tem em Minas, tem em Brasília, tem em Pernambuco, no Pará, nos estados do Sul, tem em todo canto. Então, se fosse para dizer em uma palavra, "você acha que tem coisas novas acontecendo, perspectivas se abrindo?", eu sem dúvida seria afirmativo. Tem coisa nova acontecendo. Tem novos tipos de formação. Tem gente formada nos Estados Unidos, mas tem muita gente de formação européia, e formação européia não significa só França, como foi na origem desta escola, significa também Inglaterra, significa, de maneira um pouco curiosa, pesadamente a Alemanha. Sem falar de nossos colegas aqui na USP, que é um grupo extraordinariamente diversificado. Se você pensar o que se faz aqui dentro, desse departamento aqui na USP, você tem gente de todo tipo de orientação, de todo tipo de formação. E muitos deles estão na faixa dos 30 e 40 anos de idade, quer dizer, um pessoal ainda jovem, que está com todo o gás. Uma diferenciação incrível, basta você pensar nas tuas referências como mestres. Então, há uma efervescência, há uma diversidade de interesses, uma diversidade de formação, que

eu acho extremamente positiva. A sociologia é uma área de conhecimento que vem se diferenciando, que vem gerando estímulos e trazendo ao cenário pesquisadores e teóricos. Os melhores entre eles juntam as duas coisas, vão ao campo, enfrentam questões de caráter mais empírico, ao mesmo tempo fazem a grande reflexão, essa coisa está junto, está se juntando cada vez mais. Eu vejo muita coisa interessante acontecendo, menos focalizada e mais diversa.

**Voltando um pouco à questão da formação. Na época da sua formação, o mestrado e o doutorado eram muito diferentes de hoje. Fale um pouco da sua formação.**

De certa forma eu sou atípico, no sentido de que eu sou, de maneira quase caricatural, um produto da endogenia uspiana. Eu fiz tudo aqui. Nunca estudei fora. É uma carreira fora dos padrões, porque passou lisa por essa coisa tão importante que foi a expansão das instituições de fomento, da coisa da pós-graduação a partir dos anos 70, as facilidades crescentes para você fazer cursos fora, pós-doc, coisas dessa natureza. Nesse ponto eu realmente discrepo, pela radicalidade da minha opção de "trabalhar local, pensar cosmopolita". Mas convém não esquecer que essa relutância na formação externa é a marca de toda uma geração, especialmente quem passou pela influência de Florestan. Ele achava que só se deve viajar e buscar formação fora depois de amadurecer intelectualmente, como doutor. Quando o Johan Galtung, da Flacso (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), no

Chile, quis me recrutar, ele cortou rente. No entanto, temos que reconhecer que a montagem do sistema de pós-graduação e pesquisa neste país, a montagem das grandes instituições de fomento, e a expansão de algumas delas, tipo FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), tiveram uma influência muitíssimo forte na ciência brasileira, na universidade brasileira. O sistema brasileiro de pós-graduação é muito bem-sucedido, o sistema universitário brasileiro, com toda a choradeira a respeito das universidades federais, é muito bem-sucedido, e aliás é um dos mais sólidos da América Latina. Você tem, evidentemente, deficiências, mas montou-se um sistema que é muito forte. Graças a uma forte política de incentivos (bolsas no exterior e no país, financiamentos etc.), criou-se uma massa crítica de profissionais e de intelectuais universitários.

### **Antes dos anos 70, a pós-graduação era muito diferente?**

Muito diferente. Eu nem me lembro de ter feito cursos. Você fazia pesquisa e tinha orientador, o Otávio Ianni foi meu orientador, depois eu tive no doutorado o Luís Pereira. Pegando o meu caso pessoal, eu já estava trabalhando na USP quando fiz as duas coisas, mestrado e doutorado, não havia essa história de bolsa, fazia junto com outro trabalho, e fazia relativamente rápido. Havia uma lógica que consistia em valorizar o produto final da formação, a dissertação ou tese. Tudo o mais ficava subordinado a isso, em contraste com a orientação atual, que valoriza créditos de disciplinas e coisas desse tipo. De modo geral,

tanto a graduação quanto a pós tenderam a se "escolarizar" nas últimas décadas, junto com a presença do lado sombrio dos grandes programas de fomento, que é a normatização e a burocratização. A organização dos programas de pós em grandes associações nacionais em várias áreas, das quais a ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) foi pioneira, é muito interessante sob vários aspectos, se bem que também contribua para a hiperorganização que, quanto a mim, é motivo de preocupação, junto com a tendência a criar uma ortodoxia, a pior coisa de todas. A mim o que mais impressiona é a extensão e a profundidade das mudanças no modo de produzir conhecimento, de acesso à informação e assim por diante, que está gerando um novo modo de pensar. Creio que daqui a dez anos eu simplesmente não terei condições de entender o que estará acontecendo na área.

### **Que mudanças são essas a que você está se referindo? Isso acarreta uma mudança na formação do sociólogo que tende a um saber cada vez mais fragmentado e especializado em vez de uma formação mais abrangente?**

Eu só consigo pensar com o instrumental que assimilei, e este vai se tornando obsoleto quando se trata de pensar nas novas maneiras de definir um campo de pesquisa (entra aí a tendência à ultra-especialização? – não sei dizer), de coletar e processar a informação relevante, de organizar a exposição. Costumo brincar que o século XXI vai produzir um profissional que terá importância semelhante à

dos copistas medievais: trata-se do redator especializado em *abstracts* de artigos, que vai dar o toque decisivo sobre se um artigo será citado ou não – porque lido ele raramente será; ficará estocado para exame dos poucos que necessitarão ou desejarão conhecer o texto integral, e como documento para as comissões de avaliação, que proliferarão como cogumelos e talvez também gerem um novo tipo de profissional. Talvez diminua dramaticamente a vida útil dos textos, todos disponíveis no espaço virtual. Se algo assim vier mesmo a suceder (estou imaginariamente projetando de modo linear algumas tendências contemporâneas), uma primeira consequência importante será a de que perderá sentido a característica das Ciências Sociais e das Humanas em geral, de que nelas o modo como se chega às conclusões e aos argumentos usados no caminho podem ser mais importantes do que as próprias conclusões – é por isso que elas têm “clássicos” perenes, cujas conclusões mil vezes refutadas não lhes tiram o interesse e a importância. Conclusões pontuais, de vida curta, com bom arrimo técnico, constituiriam nesse caso o grosso da produção do conhecimento social. Sempre terei de reconhecer que essa é uma tendência irreversível de práticas de conhecimento que se apresentam como ciência. Esta última palavra é crucial. Junto com termos como organização, controle e eficácia, ela integra o vocabulário básico que o século XX herdou do anterior e transmite para o seguinte. Meu desconforto concentra-se especialmente na referência (ou reverência) à eficácia, sempre associada à ciência e à técnica. Desconfio do culto à eficiência; o homem é um mamífero

mais dado às relações complexas e multidimensionais do que à ação eficaz, essa é uma invenção de feitores de escravos, fascistas, stalinistas e liberais adoradores do mercado – os nazistas usavam o termo “Gleichschaltung”, que associa as idéias de homogeneização, de engate preciso das peças e de controle, uma síntese perfeita do tipo de sociedade que pretendiam criar; e se bobearmos, os hypermanagers no poder ainda criarão. Mas, baixando um pouco meus impulsos distópicos: como fica a produção de conhecimento sociológico? O quadro que estou esboçando (preciso dizer que são alguns traços, imprecisos e especulativos?) sugere mais um ponto interessante. É que os cientistas sociais supereficientes que antevejo no horizonte teriam em comum com seus colegas de outros ramos da ciência uma conduta peculiar: uma vez encerrado o trabalho sério, poderiam permitir-se o acesso às artes, a leitura da melhor poesia e dos grandes romances, o lazer sofisticado, enfim. Mas essa separação romperia um laço vital para se falar a sério de sociologia, pois o famoso “lado humanista” dessa prática social é inteiramente indissociável dela, faz parte do seu cerne, visto que a capacidade de captar relações sutis na trama fina das configurações sociais é condição para a reconstrução das grandes estruturas da vida social (as formas das classes sociais e sua articulação, por exemplo), ou do ritmo das grandes mudanças históricas. Sem isso, perde-se de vez a possibilidade de ancorar o conhecimento sociológico nas práticas efetivas dos sujeitos, buscando revelar a face oculta dessas práticas. Já disse e repito: se não formos

capazes de associar, na mesma atividade, o “espírito geométrico” e o “espírito de finura” estamos perdidos. E é precisamente a mais plena dissociação entre ambos que vejo desenhar-se como tendência dominante. O difícil problema, insisto, consiste em combinar ambas essas dimensões. Não adianta haver praticantes virtuosos da modelagem formal ao lado de colegas que estejam a um passo da construção de poemas; não quero menos do que a finura penetrando a análise e a própria construção dos modelos (existe finura analítica, quem disse que não) e o rigor impregnando com suas severas exigências os mais ousados vãos da imaginação sociológica. Juntar isso deve ser mais difícil do que juntar os sistemas e os mundos da vida habermasianos, mas a exigência está posta, claro que não por mim, mas pela própria promessa intrínseca à idéia de sociologia.

### **Algo que se ouve com freqüência é que a Sociologia está em crise...**

Estou sorrindo porque a sociologia tem a síndrome da crise, ela já nasceu assim e está sempre em crise. Se algum dia você não ouvir a frase que a sociologia está em crise é que alguma coisa está errada. Mas é diferente. A questão da crise da sociologia é mais do que baixa auto-estima ou mera ruminção, ela faz parte da natureza dessa área do conhecimento. Nos seus melhores momentos, a Sociologia tem de estar em crise, porque ela tem de buscar sintonia com os grandes movimentos da sociedade, então ela não tem como se consolidar e se projetar para fora no seu objeto.

### **Mas você não acha que o sociólogo perdeu seu lugar no mundo atual?**

Houve dois movimentos que de alguma maneira se imbricaram. Um tem a ver com a questão da profissionalização e o outro com a criação do profissional sociólogo. O formado em ciências sociais, legalmente chamado sociólogo, sempre foi muito competitivo no mercado de trabalho, porque era muito polivalente. Formavam-se inteligências ágeis e polivalentes aqui dentro. Então esse pessoal ia para o jornalismo, para o urbanismo, para a propaganda ... eram altamente competitivos. Eles conseguiam bons lugares porque eram cabeças arejadas. O que acontece? Começa a regulamentação das profissões. Um processo complicado, em parte corporativo, em parte por causa da expansão das escolas, das universidades particulares a partir dos anos 70. Essas escolas queriam um mercado cativo, e tinham poder político para consegui-lo. Então, se você tem uma profissão regulamentada como de relações públicas, isso significa que o curso de relações públicas terá uma clientela cativa. E isso funciona até hoje. Jornalismo, turismo..., todas essas profissões foram regulamentadas, você tem que ter a formação na área. O que resultou disso? Aí entra o dilema de que eu falava. Os sociólogos ficaram de fora, porque o pessoal foi comendo pela borda todas as suas oportunidades de emprego. Então os sociólogos entraram nessa briga, “temos que regulamentar a profissão”. Era uma briga que mesmo ganhando significava dar um tiro no próprio pé. Foi feita a regulamentação e agora existe um regulamento sobre a profissão de sociólogo. Para você ter idéia das dificuldades e

complicações desse regulamento, o sociólogo é um cara que trabalha em todas as áreas de atividade “atinentes ao social”, acho que é essa a expressão. É verdade que isso garantiu espaços de trabalho em áreas do setor público, por exemplo. Mas desconfio de que mais reduziu do que ampliou. Sobretudo, regulou, no melhor estilo do “Estado cartorial” de que fala Hélio Jaguaribe. Foi um tiro no pé porque a gente entrou na jaula, agora nós só podemos fazer aquilo que a nossa regulamentação requer, quando a nossa vantagem sempre foi fazer mais coisas. Recentemente houve até uma revalorização do curso. Você tem atualmente uma relação candidato-vaga no vestibular de Ciências Sociais bastante razoável, ainda mais considerando que oferecemos algo como seis vezes mais vagas do que os cursos altamente competitivos da ECA, por exemplo. Mas também, cada vez mais em termos de formação universitária, Ciências Sociais é um segundo curso. Eu pessoalmente não acho nada de ruim nisso, não vejo problema algum. Quem perdeu o cão polivalente caça com vários gatos monovalentes.

**Eu estou pensando na perda de prestígio do sociólogo que se reflete, entre outras coisas, em uma ausência na mídia...**

A relação entre a sociedade e os sociólogos sempre foi complicada. A contrapartida da eterna crise do conhecimento social é a oscilação entre se esperar demais dos sociólogos como detentores de um saber especializado e o descrédito motivado pela sua incapacidade de responder a questões pontuais com a segurança esperada. Às vezes isso gera

caricaturas. Irrita-me muito, por exemplo, a imagem que se difundiu, até mesmo em setores da profissão, de que os cientistas sociais assistiram embasbacados a derrocada da União Soviética, sem que sequer um deles tivesse sido capaz de perceber que o monolito estava se desintegrando, para usar a imagem de um analista soviético. Não é bem assim. Nos anos 80, no interior da própria União Soviética, especialistas trabalhavam com cenários como o da “latino-americanização” do bloco, com cenários pessimistas, portanto - quem comentava isso na época em seus cursos na USP era Guillermo O'Donnell. E quem tinha contato direto não duvidava de que a derrocada era irreversível. Claro, as Ciências Sociais não são profecia. Ninguém poderia dizer que em tal dia cairia um muro, que em tal outro haveria uma tentativa bufa de golpe etc. Mas a imagem negativa dos cientistas sociais nesse caso persistiu. Em parte, esses descompassos se devem à existência de uma urgência em se obter respostas prontas sobre questões da sociedade, há um apetite voraz por informação que, reconheço, diminui o espaço para o sociólogo. Não é verdade que estejam simplesmente ausentes, não acredito nisso. Até valeria a pena dar uma repassada nos jornais, mas se você pensar especificamente no sociólogo, comparando com uma ou duas décadas atrás, provavelmente houve uma diminuição da presença deste, e houve comparativamente o aumento da figura do cientista político - para não falar dos sempre presentes economistas (mas, também, esses mexem com o determinante em última instância...). As questões do dia-a-dia ocupam cada vez mais

espaço nos noticiários, e essas questões são melhores respondidas por quem está acompanhando, digamos, o dia-a-dia do Congresso, de Brasília, ou da política internacional. Sua pergunta me pega de surpresa, eu não saberia analisar, mas merece análise. Talvez tenha algo a ver com a própria composição desse grupo, em função das especializações crescentes no meio acadêmico, resultando nesse decréscimo do apetite público. Se você me permite a brincadeira, é um bom tema para uma pesquisa sociológica.

**Essa discussão me remete a uma frase do seu livro *Crítica e resignação*<sup>2</sup>, na qual você afirma que para Weber "a ciência não prescreve nada salvo fazer ciência". E caímos novamente na discussão sobre a vocação da Sociologia. Essa ausência do sociólogo no debate público não tem a ver com a idéia de que as Ciências Sociais não podem prescrever ações políticas, o que entra em conflito com uma certa exigência da sociedade que cobra soluções imediatas, e também das próprias pessoas que vêm fazer o curso, com uma expectativa de transformar o conhecimento em orientação para a ação política? Não há uma contradição entre essas duas idéias, da especificidade das esferas e da crítica social?**

Como cientista, como sociólogo no sentido estrito, há um imperativo que você tem de seguir, que é o de ser cientista; realmente essa é a posição weberiana, que se traduzia em um outro lado, que é o envolvimento apaixonado dele na qualidade de cidadão. Isso que você está levantando, talvez seja uma coisa

interessante para pensar o que você globalmente caracteriza como crise. Aliás, Weber sabia disso na época, estava um pouco reagindo a essa característica, que você tem de maneira mais nítida agora, em termos contemporâneos, com os meios de comunicação pressionando para que se misture as duas coisas. Então, o sociólogo escrupuloso, que não tenha pesquisa e reflexão específica sobre a matéria em questão, será levado a responder que como sociólogo não tem nada especial a dizer sobre esse assunto, ainda que tenha posição como cidadão. Isso o jornalista não vai aceitar, porque ele quer colocar lá uma qualificação de especialista que legitime a matéria que ele está fazendo. Enfim, criou-se um impasse muito complicado. Há uma discrepância crescente entre a figura do sociólogo como perito e a do cidadão participante da vida pública. E para os dois lados, tanto do lado do sociólogo quanto do lado daqueles que demandam sua palavra, especialmente os meios de comunicação, a separação dos dois papéis é desinteressante, diminui o apetite. O sociólogo que é rigoroso nas suas exigências profissionais pensa duas vezes antes de escrever um artigo e três antes de falar, e o jornalista que quer uma resposta taxativa para uma pergunta muito pontual pensa duas vezes antes de procurar um especialista que não seja rápido no gatilho. As perguntas que sobram para o sociólogo são ou muito pontuais, que ele não se sente habilitado para responder, ou são tão genéricas que ele vai dizer (ou pensar) "o que eu posso dizer é o que qualquer cidadão letrado e inteligente está dizendo, não precisa ser sociólogo para isso". Então, os dois lados perdem o apetite, porque

vai aumentando a distância entre os dois papéis. Resolver isso de uma maneira criativa, você tem razão, é um desafio muito grande, porque seria uma perda para a sociedade se o sociólogo refluísse inteiramente de seu papel de participante do grande debate público - e pior ainda se o cenário público fosse ocupado pelos que falam antes e pensam depois. A pressão para misturarem-se os papéis é nociva, porque impede de reconhecer que, ainda que falando somente como cidadão, o profissional de Ciências Sociais tem condições para introduzir uma densidade de reflexão sobre os temas, que é diferente, eventualmente superior, à de qualquer outro cidadão. Mas como essa sutileza não passa, com frequência o cientista social acaba não tendo espaço adequado, ou usando mal o que lhe cabe.

**E você não acha que a própria dinâmica acadêmica acaba consumindo o intelectual? A forma como vem se estruturando a política de financiamento não acaba promovendo essa tendência do intelectual de se fechar dentro da universidade?**

Isso é uma coisa que me preocupa, as exigências crescentes que pesam sobre os integrantes da universidade para satisfazer a demandas que são puramente institucionais. Houve um grau muito grande de normatização, que aumentou as exigências de sobrevivência institucional. É preciso estar atento o tempo todo para conseguir financiamento, para sobreviver. A parte de gestão administrativa realmente aumentou muito, e junto com isso ocorre a tendência a aumentar as exigências de

vigilância e de avaliação. Pessoalmente tenho uma concepção severa e pouco realista nessa área: se o sujeito não internalizou as exigências éticas da profissão, não há controle institucional que resolva. Tudo isso vai gerando uma rede, e essa, sem dúvida, é uma diferença gigantesca entre o padrão atual e o padrão em que se fazia Ciências Sociais nos anos em que eu me formei, no qual você tinha o catedrático, um sujeito que definia os parâmetros institucionais quase que da cabecinha dele. Isso tinha os seus problemas, porque se o camarada era bom, formava uma equipe com os melhores, se era ruim, ele pegava o pessoal ruinzinho para formar sua equipe, pessoas que não colocassem em risco a posição dele próprio. O catedrático de alto padrão sabia ouvir seus bons colaboradores. Um caso, novamente da minha experiência pessoal, e que serve também para um exemplo de imaginação sociológica - por falar em imaginação sociológica, nisso os grandes mestres desta escola eram ótimos: Florestan andava pela rua, ou conversava no táxi, e já vinha com mil idéias; Ianni punha seus estudantes de graduação em campo para desenvolver exatamente isso, e certamente outros faziam o mesmo. Em 1966, numa reunião do que na época era a Cadeira de Sociologia I (hoje esse nome soa grotesco, não?), Octávio Ianni comentou: "Estamos desatentos a um dos mais importantes fenômenos contemporâneos, que é a expansão dos meios de comunicação e da cultura de massa. Temos que incluir isso na formação dos nossos estudantes e entrar nessa área de pesquisa." Como recém-contratado, mestrando ainda, eu era um candidato natural a

desembarcar nessa terra incógnita, que além do mais me interessava. Foi o que aconteceu, e eu acabei, a partir de um curso em 1967, que depois virou coletânea de textos,<sup>3</sup> criando por minha conta – não só na USP – a área de análise sociológica da comunicação, que me rendeu, aliás, o doutorado em 1971. Esse exemplo não é mera anedota pessoal. Ele serve para ilustrar uma faceta fundamental da questão que você levanta, do risco de fechar-se o intelectual no pequeno mundo acadêmico (este “pequeno”, aliás, é retórica barata; trata-se de um mundo bem grande, para quem tiver alma grande). É que a maneira mais funda, e mais própria a ela, da universidade abrir-se para a sociedade não consiste em expor os seus integrantes aos meios de comunicação, ou em transformá-los em consultores de todo tipo. Isso tem sua importância, mas é epidêmico. A questão básica, aquela que no meu entender melhor define a autonomia universitária, é essa que a iniciativa de Ianni naquele momento ilustra. Trata-se da capacidade de converter os problemas e as demandas da sociedade em problemas acadêmicos, de pesquisa e formação, de reflexão, enfim, naquele ambiente que reserva espaço para isso, justamente a universidade. Estar presente nos grandes debates é importante, mas é um equívoco dizer que a universidade tem que produzir presenças midiáticas; tem mais é que produzir, estimular e pagar pesquisadores e formadores reflexivos – três coisas que, quando se exige que venham juntas, como a universidade exige e a sociedade tem que exigir da universidade, não é pouco. Eu me arriscaria a dizer que são quase tudo; quem tiver fôlego para fazer mais, maravilha, mas tem que passar por isso.

**Você diria que vivemos em um mundo "ideologizado" ou "desencantado"? Nesse sentido a tarefa do sociólogo é desvelar o real ou promover algo que já existe como uma tendência da cultura ocidental, e aqui eu cito você, uma tendência para o "aumento gradativo de nitidez dos significados das ações dos sujeitos, antes mesclados e indistintos"?**

Essa última referência sua diz respeito exatamente ao processo de racionalização na sua acepção weberiana, que tem diretamente a ver com o "desencantamento" a respeito do qual teu mestre Antônio Flavio Pierucci acaba de publicar um belo livro.<sup>4</sup> A questão dos nexos entre "ideologia" e "desencantamento do mundo" é fascinante e difícil. Pode perfeitamente haver um mundo, como o nosso, em que processos anteriormente recobertos por um véu ideológico - como ocorre com a exploração, a violência privada e a exercida por estados nacionais - tornem-se brutalmente expostos e nítidos, e, ao mesmo tempo, a impregnação da experiência pela ideologia (nas formas mais extremas da reificação) se aloje com maior força nos processos culturais, por exemplo. É possível, sim, o pior de dois mundos: racionalização e desencantamento crescente da sociedade administrada, como dizia Adorno, junto com o "encantamento" perverso (porque é o outro lado da racionalização, tal como ela se dá no capitalismo tardio) pela via da impregnação ideológica de todas as esferas da vida. Mas é também possível que a nitidez desencantada das coisas e o véu ideológico briguem entre si, tornando mais remoto o cenário de pesadelo de um

mundo fechado sem fissuras, no qual, no limite, tudo estivesse enquadrado. Minha visão brincalhona do formato das sociedades na atual fase histórica é outra, você sabe: é a da sociedade com formato tipo "queijo suíço", compacta sim, mas repleta de buracos e nichos de todo tipo e tamanho, a serem ocupadas por incontáveis práticas sociais, embora separados entre si - o que, de resto, me permite a frase que, espero, me dará no século XXI a imortalidade que dois alemãezinhos conquistaram no século XIX: roedores de todo o mundo, uni-vos.

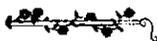
### **A sociologia pode ajudar o "homem comum" a elaborar reflexivamente sua própria experiência?**

Perfeita a tua formulação. Penso que é exatamente essa a grande vocação da sociologia, para além de ser um saber especializado, com linguagem e regras próprias. Faz parte da minha

utopia pessoal um mundo em que isso que conhecemos hoje por sociologia tenha sido plenamente incorporado na experiência social cotidiana, da qual constituiria a dimensão reflexiva. No meu entender, é para que isso se torne possível que temos que trabalhar. Não é para amanhã, mas, se o socialismo também não é ...

### **Pensando na sua experiência, a sociologia ensina a resignação?**

Sim, se resignação significa conhecer os seus limites, mas buscando sempre atingi-los. "Faço ciência para saber quanta verdade posso suportar", dizia Weber. Resignação mais paixão (ou crítica?) - conhecer os limites e tentar transcendê-los. A sociologia nos ajuda a conceber, e a enfrentar, esse grande desafio da condição humana compartilhada. É por essas e outras que ela vale a pena.



<sup>1</sup> IANNI, Octavio et al. *Política e revolução social no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

<sup>2</sup> COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

<sup>3</sup> COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

<sup>4</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Curso de Pós-Graduação em Sociologia/Editora 34, 2003.